

FH revela que registra conversas

■ Presidente grava passos do governo para a posteridade

FRANCISCO LUIZ NOEL E FABIANO LANA

O presidente Fernando Henrique Cardoso revelou que tem o hábito de recorrer ao gravador para registrar o conteúdo de conversas e impressões sobre os acontecimentos do dia-a-dia no governo. A revelação foi feita em entrevista transmitida pela TV Bandeirantes na noite de segunda-feira, em resposta a um dos cinco entrevistadores, o jornalista Ricardo Kotscho, que perguntou se o presidente está escrevendo um livro sobre os anos no Palácio do Planalto. Fernando Henrique negou, mas contou que faz confidências ao gravador. Explicou, porém, que não vai divulgá-las. "Não estou escrevendo nenhum livro, não", disse. "O que faço é outra coisa: eu registro as coisas, porque assim, no futuro - eu não vou publicar -, alguém vai ver o que eu fiz". Perguntado como fazia os registros, Fernando Henrique disse que lança mão do gravador. "Eu gravo", contou, acrescentando que não exclui das gravações as suas intenções diante dos desafios do governo, as ações que deram certo e aquelas que não tiveram os resultados esperados.

Grampo - O presidente assinalou que não tem o costume de ler as transcrições das fitas. "Não releio, por exemplo, esses meses do chamado grampo. Quando alguém for ver, vai ver de que maneira eu lidei com esse assunto". Os registros, explicou Fernando Henrique, abrangem os fatos mais importantes. "Não digo que eu registre tudo, porque é difícil. Mas o que acho que é principal, eu ponho, mas de uma forma muito pessoal. Não quero usar isso de imediato. São coisas que devem ficar para depois que eu morrer. E espero que eu dure muito tempo", observou.

Na entrevista, Fernando Henrique pediu punição para os autores do grampo nos telefones do BNDES antes e depois da privatização do sistema Telebrás, no ano passado. O presidente reafirmou a tese de que a escuta ilegal teve objetivos "comerciais", restritos à busca de informações sobre os leilões das teles, e disse que espera ver identificados os mandantes. "Estão pegando quem? Quem distribuiu os papéis. E quem fez? Quero sabem quem", cobrou.

Rivalidades - O ministro da Justiça, Renan Calheiros, afirmou ontem, em Brasília, que há divergências entre os serviços de inteligência do governo e a Polícia Federal. O ministro também disse que está havendo intervenção no trabalho da Federal, que investiga o grampo no BNDES. Mas, para Renan, as "rusgas e tremores" precisam ter solução conciliatória.

"Está havendo interferência e intervenção. Estão jogando sujeira de baixo do tapete. Não dá para esconder as divergências, é preciso fazer concessões. Se estas coisas continuarem acontecendo, não vamos chegar a lugar nenhum", afirmou o ministro. "Tem de ficar claro que ninguém pode e não vai invadir o espaço de ninguém".

O procurador da República Artur Gueiros, que acompanha o inquérito sobre o grampo, recebeu ontem da *Folha de S. Paulo*, na capital paulista, cópias das 46 fitas com gravações de telefonemas feitas de julho a setembro no BNDES. As fitas deverão ser entregues hoje por Gueiros e pela procuradora Silvana Batini ao delegado Rubens Grandini, que conduz as investigações, feitas até agora sobre apenas duas fitas editadas.

Apesar de ter subordinados sob investigação da Polícia Federal, o chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, responsável pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), negou ter pedido demissão. "Nunca estive demissionário, nunca me passou pela cabeça, nunca abandonei barco", afirmou.

■ O líder do PDT na Câmara, deputado Miro Teixeira (RJ), apresenta hoje o texto do projeto que concede amnistia aos envolvidos na instalação do grampo nos telefones do BNDES. A proposta só garante a imunidade em troca de revelações sobre os mandantes, as motivações, a instalação e o tempo de duração do grampo. "É a prova dos nove. É a oportunidade de esclarecer um fato que envolve um aparato paralelo que conseguiu grampear conversas até do presidente", disse Miro.

26/5/99 - Gilberto Aves



Fernando Henrique contou que tem o hábito de gravar para que o governo possa ser avaliado no futuro